

# Homenagem

## Maria Barroso - uma mulher extraordinária



**Guilherme d'Oliveira  
Martins**

Conselho de Administração,  
Fundação Calouste  
Gulbenkian; Conselho  
Editorial, *Nova Cidadania*

A admiração que sempre tive por uma cidadã exemplar, por uma mulher de armas, fica como um exemplo que o tempo se encarregará de afirmar e reavivar.

No centenário do nascimento de Maria Barroso, importa lembrar um *tandem* com uma importância muito grande quer na preparação da democracia portuguesa, quer na sua institucionalização e consolidação. Leonor Xavier quando escreveu *Um Olhar sobre a Vida de Maria Barroso* (Oficina do Livro, 2012) compreendeu-o perfeitamente. Esse *tandem* associou Mário Soares e Maria Barroso. No percurso que analisou com grande cuidado e rigor dá-nos a dimensão da cidadã, com uma vocação própria, que se afirma com uma singular qualidade, como aluna do Conservatório, como estudante da Faculdade de Letras, como prometedora artista do Teatro Nacional, com reconhecimento unânime, e ainda como pedagoga e como parlamentar e militante da sociedade civil. Encontramo-la nascida numa família algarvia de raiz democrática, com o pai preso e deportado para os Açores. Frequenta o Liceu Dona Filipa de Lencastre e é aluna do curso de Arte Dramática. Depois de concluir o curso dos liceus no Pedro Nunes, inicia a frequência de Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras. David Mourão-Ferreira recorda esses tempos, no Convento de Jesus: “Mal nos apercebíamos da luminosa rede de afetos que ali se ia tecendo”. Tal grupo reunia personalidades que viriam a ser marcantes na cultura portuguesa: Sebastião da Gama. Luís Filipe Lindley Cintra, Matilde Rosa Araújo, Eurico Lisboa, Maria de Lourdes Belchior, Joel Serrão, Helena Cidade Moura. A jovem destaca como mestres Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, Hernâni Cidade, André Crabé Rocha e Virgínia Rau. Maria de Jesus admira especialmente Delfim Santos professor da Filosofia Antiga ou Vieira de Almeida na cadeira de Lógica.

Vai às aulas da parte da manhã, vem a casa almoçar e segue para os ensaios no teatro. A mãe acompanha-a no caminho e fica à sua espera no camarim, durante as representações noturnas. Estreia-se no Teatro Nacional em 1944 no *Auto da Pastora Perdida e da Velha Gaiteira* de Santiago Presado. Norberto Lopes fala de “uma promessa radiosa com a qual o teatro português deve contar”. E é nos corredores da Faculdade que conhece Mário Soares num episódio ligado a uma injustiça de que foi vítima, com uma falta inexistente dada pelos compromissos com o teatro. Em maio de 1945, participa na grande manifestação estudantil do final da Guerra em que Mário Soares intervém. Maria Barroso não assiste até ao fim, pois tem de correr para o ensaio geral no Teatro Nacional. Representava o papel de Elsa, a dactilógrafa, na peça *Vidas sem Rumo*, com Raul de Carvalho, Paiva Raposo e José Gamboa. Pouco depois, por escolha de Amélia Rey Colaço desempenha no *Frei Luís de Sousa* o papel de Maria de Noronha, ao lado de Palmira Bastos, destacando-se junto do público e dos críticos, pela segurança e pela emoção com que representa. Fernando Fragoso dirá “É um atriz que sobe a olhos vistos. E defendeu-se briosamente envolta num



© MONART

halo de graça e de frescura”. Mário Soares é preso em 1947, o regime endurece na perseguição dos seus opositores. É o tempo do MUD juvenil e o final da Guerra exigia a abertura democrática. Maria de Jesus envolve-se na ação política em memoráveis recitais poéticos. Diz poesia como ninguém mais. São extraordinárias as suas aparições, começadas em Santarém, que alertaram a polícia política. Traz para a praça pública a poesia do Novo Cancioneiro empolgando um público entusiástico. O poema de Álvaro Feijó *Nossa Senhora da Apresentação* era emblemático – “Aquele que não tem mantos da cor do céu / Aquele que não tem fios nos cabelos”, como denúncia da injustiça, da miséria e da fome. Mas também fazia ouvir as palavras fortes de *Mataram a Tuna*, de Manuel da Fonseca – “Ah meus amigos desgraçados, se a vida é curta e a morte certa / despertemos e vamos / eia / vamos fazer qualquer

## EM TUDO O QUE FEZ DEIXOU UMA LUMINOSIDADE ESPECIAL, QUE AINDA PERSISTE NA HERANÇA QUE NOS DEIXOU

coisa de louco e heroico / como era a Tuna do Zé Jacinto / tocando a marcha Almadanim!”. E havia ainda *Dois poemas de Amor na Hora Triste*, de Álvaro Feijó, *Chácara das Bruxas Dançando*, de Carlos de Oliveira, *Elegia ao Companheiro Morto*, de Mário Dionísio, *Mar Atlântico* de Manuel da Fonseca e *Prometeu Agrilhado*, de Joaquim Namorado. A voz compassada e firme não podia deixar indiferentes os que a ouviam. Ecoa no nosso ouvido a lembrança da sua voz!

No Teatro Nacional, o seu desempenho continua a destacar-se. Robles Monteiro convida-a para protagonizar *Benilde ou a Virgem Mãe* de José Régio. E este faz confiança. É um grande sucesso, que entusiasma o próprio Régio. Logo a seguir representa *Retablo de Maravillas* em comemoração do centenário de Cervantes. No papel de Adela, na peça *A Casa de Bernarda Alba* de Garcia Lorca, é aplaudida entusiasmaticamente pelo público. Norberto Lopes diz: “Dentre a gente nova (...) permitimo-nos destacar o nome de Maria Barroso, que está em plena curva ascensionista de uma carreira brilhante, onde pode vir a ocupar um lugar de primeiro plano, se os fados não a desviarem do caminho florido que tem à sua frente”. O final do texto revelar-se-ia profético, por más razões. A polícia política rondava. Infelizmente, com a terceira prisão de Mário Soares, coincidente com a encena-

ção da peça *Paulina Vestida de Azul*, de Joaquim Paço d’Arcos, vem a terrível decisão. Não poderia continuar a trabalhar no D. Maria II, por uma ordem vinda da polícia e do Ministério da Educação. “Foi um desgosto. Senti que era uma injustiça” – confessa Maria Barroso. Amélia Rey Colaço considera um golpe fatal, que atinge o coração do Teatro. Leonor Xavier sintetiza de modo exemplar uma lição de vida, que corresponde à coragem permanente de alguém que não se deixa abater, seguindo em frente. “Para o cenário de uma vida, há os momentos iluminados de palco, as emoções que se exprimem na força do significado, os silêncios quietos na sombra dos bastidores. Na história de Maria de Jesus, o cenário é arte de amor e de liberdade, de compadecimento e de paz”.

Ao reler Leonor, na biografia de Maria Barroso, senti uma grande gratidão. A admiração que sempre tive por uma cidadã exemplar, por uma mulher de armas, fica como um exemplo que o tempo se encarregará de afirmar e reavivar. Em tudo o que fez deixou uma luminosidade especial, que ainda persiste na herança que nos deixou. O *tandem* que comecei por referir é uma marca irrepetível da nossa democracia. Tive o raro privilégio de acompanhar essa ligação extraordinária, humana, cívica e política. E não esqueci nunca o dia em que, convidando-a para evocar os Cadernos da Poesia, e sem qualquer preparação, pudemos ouvir a sua voz fantástica a recordar a grande poesia como voz de liberdade. “Porque os outros vão à sombra dos abrigos / E tu vais de mãos dadas com os perigos. / Porque os outros calculam mas tu não” – como disse Sophia. E muito fica por contar. NC

# Homenagem

# Maria Barroso

Maria Barroso era para nós também, e talvez antes de mais, uma educadora.

**N**a véspera da fatídica queda em sua casa, na quinta-feira 25 de Junho de 2015, Maria Barroso tinha estado todo o dia no Estoril Political Forum, no Hotel Palácio do Estoril, que decorreu entre segunda e quarta-feiras. Há muitos anos que estava sempre connosco nesse encontro internacional (bem como em muitas outras, quase todas, iniciativas do IEP). Foi no Estoril Political Forum que o IEP lhe atribuiu, em 2012, o prémio Fé e Liberdade, apresentado por Manuel Braga da Cruz. E há muitos anos que Maria Barroso está na nossa fotografia de grupo anual do Estoril. Este ano também.

Pedíamos sempre a Maria Barroso que se sentasse na primeira fila, o que ela aceitava com relutância, após manifestar preferência por um lugar menos central. Numa das sessões da tarde de quarta-feira, o orador principal era José Manuel Durão Barroso. Quando chegou, dirigiu-se para o seu lugar na mesa e não viu Maria Barroso, que estava sentada na primeira fila mas rodeada por várias pessoas de pé. Quando o viu chegar à mesa, ela imediatamente se levantou e foi cumprimentá-lo. Um súbito silêncio no vasto salão Atlântico rodeou esse pequeno gesto.

Em rigor, estes seus pequenos gestos não nos surpreendiam — faziam já parte da nossa querida Maria Barroso, que tanto admirávamos. Mas todos sabíamos que eles exprimiam uma nobreza de carácter — com a qual procurávamos aprender.

Maria Barroso era para nós também, e talvez antes de mais, uma educadora. Uma professora de “Educação do Carácter”, talvez a mais difícil e indefinível matéria que está no centro da ancestral missão da Universidade — infelizmente hoje muitas vezes esquecida pela pobreza do cientismo positivista.



**João Carlos Espada**

Professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Director de *Nova Cidadania*

Um elemento importante do nosso esforço de educação do carácter a partir do exemplo de Maria Barroso era a sua condição de membro e fundadora de um partido político, no seu caso, o Partido Socialista.

Maria Barroso assumiu-se sempre como socialista. Mas apreciava ouvir e entrar em conversação com opiniões diferentes, por vezes contrárias às suas — o que era muito frequentemente o caso numa instituição universitária e pluralista como o IEP-UCP.

Numa cultura política ainda naturalmente marcada pelo sectarismo autoritário e tri-





**PARA MIM, ESTA FOI UMA DAS PRINCIPAIS LIÇÕES DE MARIA BARROSO: PODEMOS E DEVEMOS “DIVIDIR-NOS” EM PARTIDOS. MAS ESTAMOS UNIDOS NO ENTENDIMENTO DE QUE PRECISAMOS DESSA “DIVISÃO” PARA COMPENSAR A NOSSA CONDIÇÃO HUMANA DE FALIBILIDADE E IMPERFEIÇÃO**



bal da I República e do Estado Novo (para não falar do atavismo marxista da nossa esquerda caviar), esta abertura intelectual de Maria Barroso parecia dificilmente compatível com a sua pertença a um partido político.

Mas ela parecia querer sugerir-nos que essa incompatibilidade não existe numa cultura política realmente pluralista. Ela parecia querer sugerir-nos que havia um significado mais profundo na liberdade de poder ter um partido — mais profundo do que simplesmente poder pertencer a uma tribo e poder odiar e perseguir todas as outras.

Ela parecia querer sugerir-nos que a liberdade de ter um partido supõe, crucialmente, a indispensabilidade de existirem outros partidos e outras opiniões. Esta indispensabilidade talvez decorra do facto de cada um de nós, e de cada partido, saber muito pouco e cometer muitos erros.

Este era seguramente o entendimento de Karl Popper — que Mário Soares, Maria Barroso e a filha Isabel fizeram questão de visitar privadamente após uma visita de estado do Presidente Soares a Inglaterra, em 1992. Porque sabemos muito pouco, dizia Karl Popper, precisamos do permanente confronto com as opiniões contrárias dos outros, incluindo dos outros partidos. “Mesmo se todos concordassem com um partido, dizia Popper, um segundo partido devia ser inventado.”

Este é o mistério e a beleza da democracia parlamentar, pela qual Maria Barroso se bateu exemplarmente. Esta democracia não existe sem rivalidade, por vezes dura, entre partidos. Mas essa rivalidade só existe e, sobretudo, só pode ser duradoura, se cada partido admitir a indispensabilidade de existirem outros. E se todos admitirmos a indispensabilidade de podermos aprender com a controvérsia livre e civilizada entre eles.

Para mim, esta foi uma das principais lições de Maria Barroso: o doce e nobre convite a superarmos o sectarismo autoritário e tribal da I República e do Estado Novo, bem como o atavismo marxista. Podemos e devemos “dividir-nos” em partidos. Mas estamos unidos no entendimento de que precisamos dessa “divisão” para compensar a nossa condição humana de falibilidade e imperfeição.

Uma condição que decorre, em última análise, de que nenhum de nós é Deus. NC

Artigo originalmente publicado no jornal *Público*, a 13 de julho de 2015.